

TEXTOS PARA OS CANDIDATOS À 2ª FASE
ANO LETIVO 2022/2023

CADA CANDIDATO TERÁ DE ESTUDAR DOIS TEXTOS: 1 OBRIGATÓRIO E 1 OPCIONAL:

PARA RAPAZES – (Obrigatório)

HAMLET - Cena “Ser ou não Ser”

Ser ou não ser, eis a questão,

Será mais nobre deixar que o espírito suporte

Os golpes e as setas da fortuna ultrajante

Ou erguer armas contra um mar de angústias

E, não aceitando, pôr-lhes termo? Morrer, dormir,

Dormir e talvez sonhar.

Ai, mas aqui é que está o difícil –

Pois que sonhos surgirão nesse sonho da morte

Quando tivermos despido o tumulto mortal?

É isso que nos detém – esta é a suspeita

Que dá tão demorada vida ao sofrimento:

Pois quem suportaria as chicotadas e as troças do tempo,

A injustiça do opressor, os desprezos do orgulhoso,

A angústia do amor desprezado, a demora da lei,

A insolência das autoridades e os desdêns

Que o mérito paciente recebe dos medíocres,

Se, com um punhal, pudesse

Criar ele próprio a sua paz. Quem quereria
Levar os fardos e gemer e suar sob uma vida exausta?
Mas o terror de alguma coisa que está depois da morte
– País desconhecido de cujas fronteiras
Nenhum viajante regressa – perturba o nosso desejo
E leva-nos a suportar o mal que temos
E a não voar para males dos quais nada sabemos.
Assim a consciência faz de nós covardes,
E assim o primitivo brilho da vontade
Desmaia sob a pálida cor do pensamento.
Empreendimentos de grande alcance e grande peso
Torcem por causa disto o seu caminho
E perdem o nome de acção. Silêncio agora!
A doce Ofélia! Ninfa, nas tuas orações
Lembrados sejam meus pecados todos.

PARA RAPARIGAS – (Obrigatório)

BRIZIDA VAZ – Gil Vicente “Auto da Barca do Inferno”

COMPANHEIRO

Diz que não há-de vir cá sem Joana de Valdeis.

DIABO

Entrai vós, e remareis.

BRIZIDA

Não quero eu entrar lá.

DIABO

Que saboroso arreçar!...

BRIZIDA

Não é essa barca a que eu cato.

DIABO

E trazeis vós muito fato?

BRIZIDA

O que me convém levar.

DIABO

Que é o que haveis de embarcar?

BRIZIDA

Seiscentos virgos postiços

e três arcas de feitiços

que não podem mais levar.

Três armários de mentir,

e cinco cofres de enleios

e alguns furtos alheios
assi em jóias de vestir;
guarda-roupa de encobrir,
enfim – casa movediça;
um estrado de cortiça
com dez coxins de embair
A mor carrega que é:
essas moças que vendia.
Daquesta mercadoria
Trago em muita, à bofé!

DIABO

Ora ponde aqui o pé.

BRIZIDA

Hui! eu vou para o Paraíso!

DIABO

E quem te dixe a ti isso?

BRIZIDA

Lá hei-de ir desta maré.

Eu sou uma mártel tal,

açoutes tenho eu levados

e tormentos suportados

que ninguém foi igual.

Se eu fosse ao fogo infernal

Lá iria todo o mundo!

E estoutra barca cá em fundo

me vou eu, que é mais real.

Barqueiro, mano, meus olhos,

prancha a Brizida Vaz!

ANJO

Eu não sei quem te cá traz...

BRIZIDA

Peço-vo-lo de gíolhos!

Cuidais que trago piolhos

anjo de Deus, minha rosa?

Eu sou Brizida a preciosa

que dava as moças aos molhos.

A que criava as meninas

para os cónegos da Sé...

Passai-me por vossa fé,

meu amor, minhas boninas,

olhos de perlinhas finas!

E eu sou apostolada,

angelada e martelada,

e fiz obras mui divinas

Santa Úrsula não converteu
tantas cachopas como eu:
todas salvas pô-lo meu,
que nenhuma se perdeu
E prouve àquele céu
que todas acharam dono.
Cuidais que dormia eu sono?
Nem ponta! ... E não se perdeu.

ESCOLHER UMA DAS OPCÕES (RAPAZES E RAPARIGAS):

Opção 1

Excerto de HAMLET de William Shakespeare

CENA II

*O átrio do castelo com assentos de um e de outro lado como para uma representação.
Ao fundo um pano esconde outro palco.*

Entram HAMLET e três actores; saem detrás do pano.

HAMLET (ao primeiro actor)

Peço-te que digas a tirada como eu a pronunciei, com a língua ágil, com uma dicção certa. Mas se mastigas as palavras, como fazem muitos dos nossos actores, então antes quero que seja o homem dos pregões a dizer os meus versos. E também não esbracejes muito; assim. Usa tudo com medida. Pois na própria torrente, tempestade, ou mesmo no turbilhão da tua paixão, tens de conquistar e criar um equilíbrio que a tudo dê harmonia. Ai, dói-me até a alma quando ouço um moço robusto, cheio de cabelos postiços, a rasgar a paixão em tiras e farrapos para furar os ouvidos da gente da plateia que, na sua maior parte, só gosta de mímicas inexplicáveis e de barulho. Eu gostava de ver esse actor chicoteado, por ser mais Termagante do que Termagante; ele herodiza de mais o Herodes. Peço-te: não caís nesse defeito.

Opção 2

ESOPO – António José da Silva (O Judeu)

Periandro vai-se

Descobre-se uma mesa e se irão assentando a ela Xanto, Énio e Periandro e os mais que puderem

XANTO

Vamo-nos assentando sem cerimónia, que nos banquetes não há mestres, nem discípulos. Mandei a Esopo que me pusesse nesta mesa a melhor cousa do mundo; veremos com que ele se desempenha.

PERIANDRO

Com alguma parvoíce. Se vossa mercê se fiou da sua eleição, ficaremos em jejum.

ÉNIO

Vamos nós comendo o que está na mesa, pelo sim, pelo não, que ele já tarda.

Sai Esopo com um prato

ESOPO

Eis aqui a melhor cousa do mundo.

XANTO

Descobre, e veremos.

ESOPO

É um prato de línguas.

XANTO

Um prato de línguas? Como? Pois isso é a melhor cousa do mundo?

ESOPO

Qual é a dúvida que a melhor coisa do mundo é a língua? Que coisa mais necessária no homem do que a língua? Sem língua, ninguém pode falar; sem falar, ninguém se entende. A língua é alma dos conceitos, é o corretor dos comércios, é a taramela das portas da boca, é prancha para comeres, é o esgravatador das gengives, é o zaragatoa dos beijos, o planeta do céu da boca, e o badalo da campainha. Com a língua se lambe um prato; com a língua faz o arrieiro a célebre cantiga, etc. Enfim, a língua do cão é o melhor remédio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da língua.

XANTO

Nada nos dizes de novo, que bem sabemos que a língua é o oráculo do homem; porém, havemos só comer línguas?

ESOPO

Senhor, muitos comem do que falam.

PERIANDRO

Esopo fez o que lhe mandaram, como bom servo.

XANTO

Uma vez que a melhor coisa do mundo são as línguas, traze-me agora aqui a pior coisa do mundo.

ESOPO

Com muito gosto; eu venho já. (vai-se).

PERIANDRO

É lástima que seja cativo quem tem tão livre o juízo para discorrer.

ÉNIO

Não é essa a primeira sem-razão da natureza.

XANTO

Que diabo fazes, Esopo?

ESOPO

Eis aqui a pior cousa do mundo. (sai)

XANTO

Que é isso que trazes?

ESOPO

Outro prato de línguas.

XANTO

Pois como?! Se a melhor cousa do mundo são as línguas, como agora as línguas são a pior cousa do mundo?

ESOPO

É filósofo, e não sabe que, sendo uma língua boa melhor cousa do mundo, a pior é uma língua má? Uma língua má é estrago de honra; ela é a mãe dos mexericos, o pai dos enredos, a irmã das discórdias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a sarna do sossego, a carepa das consciências, o despertar das vinganças e o instrumento da alcovitice. Não é assim, senhor Xanto?

XANTO

Dizes bem; eu te perdoo a peça; e, pois não há outro remédio, vamos comendo essas línguas e bebendo duas pingas. (bebe)